



**‘ESQUINA’ NA IMPRENSA LUSO-BRASILEIRA EM
ANÁLISE DIACRÔNICA
‘ESQUINA’ ON THE PORTUGUESE-BRAZILIAN PRESS IN
DIACHRONIC ANALYSIS**

Edilberto Vinícius Brito Nascimento¹

RESUMO

Como a imprensa luso-brasileira dizia a ‘esquina’ no século XIX? Esta é a principal questão do ensaio, na conjugação de olhares da história social da língua, semântica e sintaxe e pela perspectiva histórico-diacrônica, cujos objetivos são descrever linguisticamente construções como ‘esquina que volta para’ nos jornais dos oitocentos; mapear paráfrases possíveis para a expressão naquela época a fim de produzir uma análise (contra)direcional para ‘esquina que volta para’; e realizar uma análise diacrônica para essa e outras construções nos jornais dos séculos XIX, XX e XXI. O corpus reúne dados dos jornais *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco*, consultados na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. A respeito dos resultados, nota-se que as expressões com ‘esquina que volta para’ estão nucleadas por verbos de movimento, que implicam argumentos de meta, coincidentes com SPs. As paráfrases para a locativa refutam, porém, significados contradirecionais para a expressão. A pesquisa diacrônica, por outro lado, mostra que o uso de ‘esquina que volta/vai/sai/vira para/na’ é menos corrente nas últimas décadas, apesar de os jornais continuarem dizendo a ‘esquina’ com outras construções linguísticas, tendo o vocábulo sofrido processo de gramaticalização enquanto advérbio sucedido geralmente pela preposição ‘com’ ou ‘de’.

PALAVRAS-CHAVE: ‘esquina’; jornais dos séculos XIX, XX e XXI; análise diacrônica.

1 Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas. viniciusdebrito94@gmail.com.



ABSTRACT

How did the Brazilian press say the ‘corner’ in the nineteenth century? This is the main question of the article, in the conjugation of the social history of language, semantics and syntax and from the historical-diachronic perspective, whose objectives are to linguistically describe constructions as ‘esquina que volta para’ in the newspapers of the eighteenth; mapping possible paraphrases for the expression at that time in order to produce a (counter) directional analysis for ‘esquina que volta para’; and perform a diachronic analysis for this and other constructions in the nineteenth, twentieth and twenty-first century newspapers. The corpus is composed of the newspapers *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Commercio* and *Diário de Pernambuco*, consulted in the Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Regarding the results, we note that the expressions with ‘esquina que volta para’ are nucleated by verbs of movement with meta arguments, coincident with SPs. The paraphrases for the locative refute, however, contradictory meanings for the expression. Diachronic research, on the other hand, shows that the use of the ‘esquina que volta/vai/sai/vira para/na’ is less common in recent decades, although newspapers continue to say ‘esquina’ with other language constructions, taking the term undergone grammaticalization process as an adverb usually succeeded by the preposition ‘com’ or ‘de’.

KEYWORDS: esquina; newspapers of the 19th, 20th and 21st centuries; diachronic analysis.

Introdução

Como a imprensa luso-brasileira dizia a esquina no século XIX e como segue referindo-se a tal lugar? Na conjugação de olhares da história social da língua (AITCHISON, 2012; PAGOTTO, 2014; PERCY, 2012), semântica (BASSO, 2019; GEHRKE, 2008; SILVA-JOQUIM, 1989; ZWARTS, BASSO, 2016) e sintaxe (DONATI, 2017; JACKENDOFF, 1977), pela perspectiva histórico-diacrônica, a questão inicial conduz ao domínio de expressões locativas como ‘esquina que volta para’, sob a forma de SV [SP que SV]. De maneira ampla, proponho um modelo para a expressão ‘esquina que volta para’ como p(0)-p(1) (cf. mapa 1, na próxima página), em que p(0) é a partida (origem) na rua *x* e p(1) a interseção (meta) das duas ruas *x* e *y*, marcando quatro esquinas na melhor das hipóteses (encruzilhada de duas ruas).

Semanticamente, entendo ‘esquina’ como *lugar* pela proposta de Silva-Joaquim (1988), isto é, uma região espacial na relação com ao menos dois objetos no tempo. Ainda que em (1) ‘esquina que volta para’ não tenha uma estrutura simples do tipo SVO, percebo com teste de constituência — como o isolamento²: o que volta para o largo do Paço? A loja *na esquina da rua Direita* — que ‘esquina’ se relaciona ao SV em ‘volta para o largo do Paço’, justificando a forma de SV [SP que SV] para locativas com tal vocábulo.

(1) “loja em que vende-se rapé, na esquina da rua Direita que volta para o largo do Paço” (DIÁRIO..., 1826a, p. 2)³

² O teste do isolamento ocorre com as interrogativas-QU para isolar um sintagma (DONATI, 2017, p. 35).

³ As transcrições seguem, doravante, o padrão do II Seminário para a História do Português Brasileiro,

Volto os olhos para ‘esquina’ porque o vocábulo denomina as quinas no plano urbanístico, como se observa na cartografia da Freguesia da Candelária de dois séculos atrás (mapa 1). Por definição, esquina pode ser, principalmente, o lugar de interseção entre duas ruas ou o ângulo externo que se forma pelo encontro de duas arestas (ALBERNAZ; LIMA, 1998). Embora utilize uma dicionarização urbanística para o termo, verso o tema linguística, social e historicamente, pois a paisagem citadina é linguagem na história, “está reduzida à condição de sistema de relações que significa (rua x casa x avenida, etc.)” (PAGOTTO, 2014, p. 154).

Partindo de ‘esquina que volta para’ na língua e entendendo com Aitchison (2012, p. 19) que diacronia e sincronia são processos intercalados e conciliáveis, divido o texto daqui para frente em três seções, coincidentes com os meus objetivos: (a) identificar e descrever linguisticamente (focando as interfaces semântica e sintática) ‘esquina que volta para’ nos jornais do século XIX; (b) mapear paráfrases possíveis, a partir dos dados linguísticos, para a expressão naquele século e produzir, por causa do funcionamento semântico do “volta” na sentença, uma análise (contra) direcional para ‘esquina que volta para’; e (c) realizar uma análise diacrônica para ‘esquina que volta para’ e outras construções parafrásticas nos jornais dos séculos XIX, XX e XXI. Neste ensaio, guardadas as *arestas* epistemológicas de cada disciplina, meu olhar está *direcionado*, principalmente, pela linguística histórica/diacrônica e, mais especificamente, pelos estudos semânticos sobre expressões locativas e (contra)direcionalidade em línguas naturais. A análise sobre as construções linguísticas não tem intenção, porém, de ser exaustiva.

Mapa 1 - Freguesia da Candelária, Rio de Janeiro, século XIX



Fonte: Reprodução do site imagineRio editada no Paint (2019)

O corpus do ensaio reúne dados observados nos jornais *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1829), *Diário do Rio de Janeiro* (1820-1879), *Jornal do Commercio* (1820-hoje) e *Diário de Pernambuco* (1825-hoje) desde o século XIX até o atual e consultados na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. A escolha pelo século XIX está ligada à chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808, o que tornou o país sede do império português. Igualmente, a impressão da *Gazeta*, e demais periódicos luso-brasileiros, é um marco na história do

via orientação do livro *E os preços eram commodos...*, no sentido de esse exercício ser mais conservador (GUEDES; BERLINCK, 2000).

jornalismo (MOLINA, 2015), pois institucionaliza a imprensa por aqui, depois de três séculos de monopólio sobre a tipografia da colônia. Explico o recurso das figuras no trabalho pelo fato de a expressão 'esquina que volta para' não soar tão usual atualmente. Consigo, logo, estabelecer algum sentido direcional, além do locativo (*na rua X para a Y*), com a plataforma *imagineRio*, que mapeia digitalmente as mudanças na paisagem urbana carioca.

Saliento que o corpus reúne uma ocorrência particular de '(esquina) que volta para' com objetos inanimados, diferentemente de casos como "sêde feliz com esta criancinha cheia de vida e que volta para vós os olhos" (DIÁRIO..., 1849, p. 2) e "Jesus anuncia aos seus discipulos que volta para seu pai e que verá o Espírito Santo" (DIÁRIO..., 1915, p. 5), nos quais a conjunção 'que' conecta os SDs ('esta criancinha' e 'Jesus') ao verbo, dando-lhes características animadas. Outro registro importante: a expressão '(esquina) que volta para' se combina com 'canto' no papel temático de fonte (GEHRKE, 2008), como observo nestas sentenças: "na rua do Conde, canto que volta para Santo Antonio dos Pobres" (JORNAL..., 1829, p. 4) e "dirija-se á rua das Violas, a huma cocheira que tem ferraria, no canto que volta para a rua do Fogo" (GAZETA..., 1817, s.p.). Os exemplos mostram que a estrutura 'que volta para' requer itens similares a 'esquina' para significar o domínio locativo. Porém, me restrinjo à ocorrência de 'esquina' por um fim metodológico, acreditando ser o estudo sobre construções linguísticas com tal vocábulo interessante para as disciplinas norteadoras desta pesquisa.

1 'esquina que volta para'

Com a imprensa opinativa ou de partido (SOUSA, 2006), a produção jornalística luso-brasileira no século XIX se relacionava diretamente à corte portuguesa, a quem cabia a decisão sobre o que seria publicado ou censurado, e se voltada amplamente para o comércio, já que a *Gazeta*, por exemplo, publicava em suma anúncios sobre os mais variados produtos e serviços (MOLINA, 2015). Sabendo minimamente do quadro, investigo em (2-4) a ocorrência de 'esquina que volta para' na imprensa oitocentista.

(2) "Quem quizer alugar huma preta mocamba (...); dirija-se á rua de Santo Antonio n. 41, pegado á venda da esquina, que volta para a Guarda Velha" (DIÁRIO..., 1830, p. 2)

(3) "quem aos mesmos pertender pôde dirigir-se á rua do Conde no largo do Catumby, na casa da esquina que volta para o Exmo Visconde de alcantara, que tudo se dará muito enconta" (DIÁRIO..., 1830, p. 2)

(4) "Huma venda, na esquina da rua do Queimado, que volta para o beco do Peixe frito" (DIÁRIO..., 1829, p. 3)

(5) "com huma venda na esquina da rua nova do Senado, que volta para a estrada de Matta cavallos" (GAZETA..., 1821, p. 4)

As sentenças têm uma função argumental e circunstancial, mas, pelo propósito mesmo do

trabalho, observo mais esta última. Constituintes como ‘pegado á venda da esquina’ e ‘que volta para a Guarda Velha’ em (2) não saturam o verbo flexionado ‘dirija-se’, adjungem, contudo, informações menos essenciais aos argumentos. Poderia afirmar, ainda, que ‘esquina’ tem uma bivalência quando se combina com dois ([a] e [b]) constituintes (uma paráfrase para [2] seria: dirija-se à esquina da rua de Santo Antonio n. 41 [a] que volta para a Guarda Velha [b]), mas não tomo essa propriedade categórica à palavra porque a valência implica consequências sintáticas, segundo Donati (2017, p. 42). Uma afirmação mais segura é a de que ‘esquina’, justamente por tocar a semântica dos lugares (SILVA-JOQUIM, 1988), guarda um feixe de traços que o combina com outros dois SPs, geralmente. A vírgula nas sentenças também tem um papel importante, o que poderia denotar um funcionamento explicativo ou restritivo sobre ‘esquina’. No entanto, a vírgula antes de ‘que volta para’ não é regular nos exemplos observados.

Em (2-5) noto que os SPs (‘á rua de Santo Antonio’; ‘para a Guarda Velha’; ‘á rua do Conde no largo do Catumby’, ‘para o Exmo Visconde de alcantara’; ‘da rua do Queimado’; ‘para o beco do Peixe frito’; ‘da rua nova do Senado’; e ‘para a estrada de Matta cavallos’) denotam localização e confirmam a princípio a hipótese de que “as expressões de localização ocorrem geralmente sob a forma de sintagmas preposicionais cujo núcleo lexical é constituído pela preposição. Esta apresenta como complemento regido geralmente um sintagma nominal” (SILVA-JOQUIM, 1989, p. 138). A regularidade vem a calhar nas sentenças, em que os mesmos SPs estão conectados pela conjunção ‘que’ e nucleados pelo verbo flexionado ‘voltar’. As preposições nessas sentenças funcionam também direcionalmente, pois ‘para’, ‘á’, ‘no’ e ‘da’ têm traços de meta — entendendo, com Gehrke (2008) e Jackendoff (1977), que meta marca o final do caminho (*path*). Ainda sobre os últimos SPs, vale a classificação de Silva-Joaquim (1989), com alguma ressalva, para as preposições espaciais, em que não apenas ‘para’, senão ‘á’, ‘no’ e ‘da’ estão na classe de preposições direcionais (marcam uma direção).

Em (1-5) interpreto, em continuação, que o verbo “voltar” implica argumentos de destino (meta), tendo portanto um papel temático de verbo de movimento (em oposição aos de posição), como está em Jackendoff (1977) e resenhado por Silva-Joaquim (1989, p. 140): “os verbos de posição apresentam como argumento uma ‘locação’ (*place*) e os verbos de movimento, um argumento de ‘origem’ (*source*) e/ou de ‘alvo/meta/destino’ (*goal*)”.

As construções com ‘esquina(,) que volta para’ em (2-5), por fim, podem ser classificadas como orações adjetivas/relativas em um primeiro olhar. Mas no caso de (2), por exemplo, há pelo menos duas interpretações possíveis: tanto a esquina que (se) volta para um local determinado — p(0)-p(1) —, em uma descrição espacial, quanto “esquina que faz (alguém) voltar”, implicando um sentido sobre o trajeto. A depender da interpretação, vemos que essa estrutura pode deixar de ser adjetiva/relativa e expressar um tom mais impessoal, como “esquina (em) que (se) volta para”. Por essa dupla possibilidade, opto por classificar expressões com ‘esquina’, que constem no corpus deste trabalho, como locativas.

2 Paráfrases e domínio (contra)direcional

Neste ponto, amplio a análise para o significado da locativa 'esquina que volta para' no corpus jornalístico do século XIX com possíveis paráfrases, como 'que faz esquina com', 'esquina que vai para' e 'esquina que sai para'. As paráfrases ajudam a verificar se o 'volta' em 'esquina que volta para' torna a sentença contradirecional. Ao entender paráfrase como outra maneira de dizer que preserva o significado primeiro (OLIVEIRA, 2012), já adianto que a expressão não parece pertencer ao domínio da contradirecionalidade.

No entanto, antes mesmo de demonstrar o que acabo de afirmar, me cabe fazer menção à contradirecionalidade, domínio que “é composto por modificadores que indicam que um dado movimento ou evento é feito em resposta a um movimento ou evento prévio, em sentido contrário ao usual ou convencionado” (BASSO, 2019, s.p.). Em Zwarts; Basso (2016), há a indicação dos seis significados contradirecionais, isto é, retaguarda, retornativo, restitutivo, retrógrado, responsivo e repetitivo. Sem a intenção de explicar cada um deles, me fio em um específico: o retornativo, quando “um movimento de retorno a um lugar anterior, considerando uma trajetória prévia (...), e exemplos do PB seriam 'voltar', 'retornar', e combinações com 'de volta'” (BASSO, 2019, s.p.).

A composicionalidade com 'voltar' nucleando as sentenças me faz formular uma primeira hipótese contradirecional para a expressão 'esquina que volta para'. Porém, refuto essa ideia por estes motivos: (I) anacronismo; (II) significado de contradirecionalidade apenas quando expressão se combina com itens de natureza contradirecional; e (III) possibilidade de paráfrases.

Primeiro, sugerir que 'volta' tem um sentido contradirecional seria beirar o anacronismo, uma vez que obras do século XVIII e XIX dicionarizam o item como “fazer volta, tornar do lugar para onde fomos, ou iamos” (SILVA, 1813, p. 864), “o que não vay linha recta” (BLUTEAU, 1712, p. 569) e “o caminho, que se toma para algũa parte. Irse na volta de algum lugar” (BLUTEAU, 1712, p. 570), sendo as últimas definições mais produtivas para as sentenças com 'esquina que volta para'.

O segundo motivo para a não contradirecionalidade da expressão se dá no confronto com as paráfrases e os recortes cartográficos da cidade. Para as sentenças elicítadas em (6-7), apenas há uma dimensão contradirecional pela combinação com itens dessa natureza — e não porque o verbo flexionado 'volta' o indique inicialmente.

(6) dirija-se de costas para a esquina da rua X que volta para a rua Y

(7) dirija-se de volta/de novo à rua X, esquina que volta para a rua Y

Em (6) há o significado de retaguarda produzido por “de costas”, “um caminho contra a direção convencional, e na direção para a qual as costas apontam” (BASSO, 2019, s.p.), para o qual o sujeito precisa andar até a esquina da rua X com a Y em uma posição não canônica. Já em (7) o que se tem é o significado retornativo, que indica “que o sujeito voltou, correndo, alguns

quarteirões (na trajetória previamente percorrida” (BASSO, 2019, s.p.), quer dizer, supondo que o sujeito precisasse comprar um novo item na loja da esquina, ele precisaria fazer o percurso $p(0)$ - $p(1)$ de novo ou “de volta”; nesse sentido, “se convencionarmos o início de uma trajetória p como $p(0)$ e seu final como $p(1)$, temos que qualquer trajetória pA , com final $pA(1)$, terá uma contraparte ‘de volta’, pB , cujo final será $pB(1)=pA(0)$, ainda que possa haver pontos diferentes no meio da trajetória” (BASSO, 2019, s.p.).

O último argumento que contribui para a não contradirecionalidade do ‘volta’ em ‘esquina que volta para’ é a possibilidade de paráfrases em (8-11).

(8) “quem a perttender pode vela na rua dos Ourives em a Botica que faz esquina com a das Violas” (DIÁRIO..., 1822, p. 2) \approx Botica na rua dos Ourives que volta para a das Violas.

(9) “quem a tiver para vender, dirija-se a rua da Ajuda, esquina que vai para Santa Luzia a fallar com João da Cruz” (DIÁRIO..., 1824, p. 2) \approx esquina da rua da Ajuda que volta para Santa Luzia.

(10) “dirija-se a rua de Matta Cavallos na esquina que sai para rua do Conde N. 85” (DIÁRIO..., 1826b, p. 3) \approx esquina da rua de Matta Cavallos que volta para a rua do Conde.

(11) “Na Loja da esquina da rua do Crespo. que vira para o Queimado, ainda tem de resto 3 bilhetes inteiros” (DIÁRIO..., 1830, p. 3) \approx esquina da rua do Crespo que volta para a rua do Queimado.

Nas últimas sentenças, ‘esquina’ se combina com outros verbos de movimento gerando uma expressão locativa com algum traço direcional. Ainda que verbos como ‘voltar’, ‘virar’, ‘fazer’ e ‘sair’ possam não implicar movimento (a exemplo de ‘ele se vira nos 30’ e ‘saí de casa’), esses itens ganham esse significado nas sentenças. Para explicar o fenômeno em (8-11), volto à classificação de Jackendoff (1977), para quem os verbos de movimento são saturados com argumentos de origem e meta. Em (8), por exemplo, a ‘rua dos Ourives’ (origem) ‘faz esquina com a das Violas (meta), assim como em (10) ‘a rua de Matta Cavallos’ (origem) está ‘na esquina que sai para rua do Conde’ (meta). O mesmo ocorre, com o verbo de movimento ‘volta’, nas sentenças em (1-4).

Considero que ‘esquina que vai para’ é expressão locativa com verbo de movimento (ou seja, uma expressão também com traços direcionais) que produz sentenças sem mencionar a rua-destino, e sim outro ponto de referência, a exemplo de “póde procurar a Joaquim José Candeira na rua de S. Pedro esquina que vai para S. Domingos, de frente da botica” (DIÁRIO..., 1824, p. 3) e “falle com José Fernandes Guimarães, Negociante, morador na mesma rua Direita, na esquina, que vai para N. S. da Lapa” (GAZETA..., 1809, p. 4). Nas duas sentenças, o Largo de S. Domingos/ a Igreja de S. Domingos e a Igreja de N. S. da Lapa são tomados como referência, ainda que o caminho $p(0)$ - $p(1)$ (origem/meta) não se encerre naquele lugar. Estendo, ainda, a análise de Silva-Joaquim (1989) sobre o verbo ‘ir’ em expressões locativas aos demais verbos das sentenças em (1-5...8-11), os quais geram um caminho possível, com argumentos de

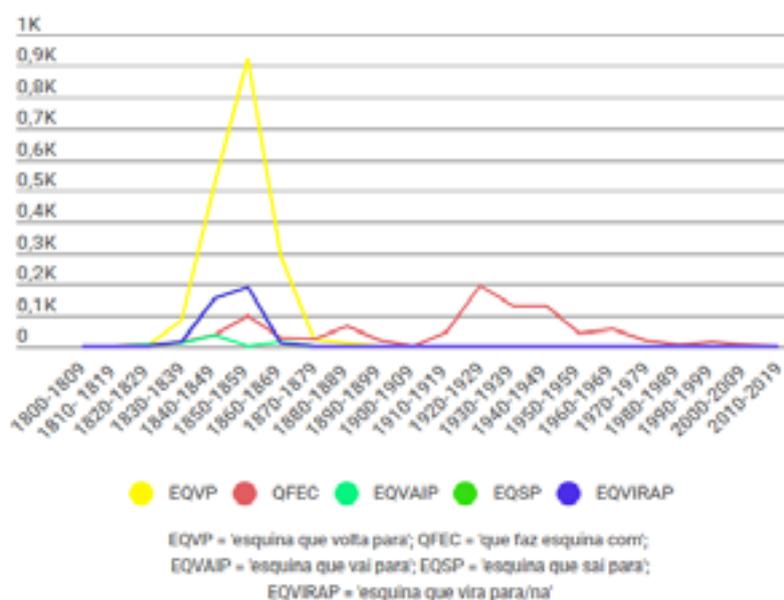
origem/meta, a dizer lugares em esquina.

3 Dizer a esquina diacronicamente

Nesta derradeira seção, amplio o olhar sobre a ocorrência de 'esquina que volta para' e suas paráfrases, nos oitocentos, para os séculos XX e XXI. A análise diacrônica é importante para verificar quando as expressões locativas com 'esquina' são mais correntes e compreender como os jornais, publicados em regiões dialetalmente distintas do Brasil, diziam e continuam dizendo 'esquina' em 200 anos. Para uma pesquisa em linguística histórica/diacrônica, é preciso lançar mão de que a língua se mantém mais ou menos homogênea ao longo de um certo período, ainda que em algumas comunidades essa homogeneidade não se dê como certa, segundo Conde-Silvestre e Hernández-Campoy (2012). Antes das primeiras interpretações, registro que o fato de 'esquina que volta para' ocorrer na *Gazeta do Rio de Janeiro*, praticamente uma cópia da *Gazeta de Lisboa*, de acordo com Molina (2015), ao menos três vezes de 1810 a 1839, pode indicar que a expressão fora usada em Portugal, apesar de o nosso corpus focar a imprensa luso-brasileira.

Sabendo que os jornais são uma fonte para pesquisas linguísticas (PERCY, 2012), afirmo que as expressões 'esquina que volta para', 'que faz esquina com', 'esquina que vai para', 'esquina que sai para' e 'esquina que vira na/para' ocorrem 3.022 vezes em *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Commercio* (RJ) e *Diário de Pernambuco* nos séculos XIX, XX e XXI (cf. Gráfico 1). A análise mostra que 'esquina que volta para' foi bastante produtiva na imprensa pernambucana, especialmente no intervalo de 1830 a 1879. Ao longo dos séculos, os jornais cariocas, pelo contrário, não fizeram uso relevante (0,21%) da locativa. Depois, a expressão deixa gradualmente de ser usada, aparecendo por fim no *Diário de Pernambuco* na década de 1980.

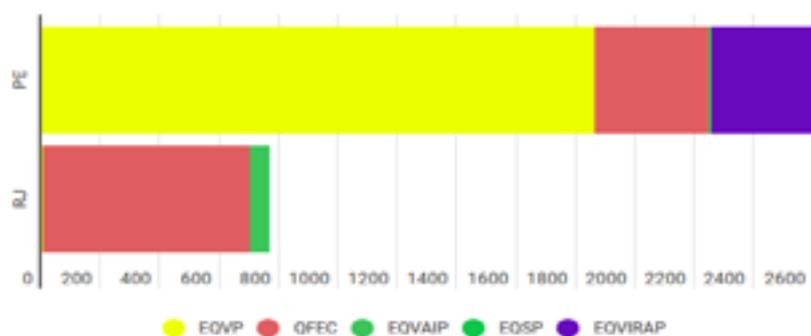
Gráfico 1 - Locativas para dizer esquina diacronicamente



Fonte: Reprodução do Infogram/Nome do Autor

Outra expressão muito eficaz para dizer a ‘esquina’ naquele período é ‘que faz esquina com’, em 1082 situações nos jornais analisados. Diferentemente de ‘esquina que volta para’, ‘que faz esquina com’ ocorreu majoritariamente em periódicos do Rio de Janeiro (78,37%), mas também foi produtiva no Recife (21,62%). Para ‘esquina que vai para’, a pesquisa mostra que foi mais produtiva em Pernambuco (84%) e apenas apareceu em 16% dos casos nos jornais fluminenses (cf. Gráfico 2, adiante). Já ‘esquina que sai para’ foi usada apenas em uma edição do *Diário do Rio de Janeiro*, na década de 1820. Para a expressão, no entanto, há uma questão a ser pontuada, uma vez que ocorre a flexão verbal em ‘sahe’ e ‘sai’ ao longo dos séculos, variação a que o software utilizado não é muito sensível. Por fim, ‘esquina que vira na/para’ ocorre apenas no *Diário de Pernambuco*, no qual aparece 374 vezes desde 1820 a 1870.

Gráfico 2 - Expressões locativas com ‘esquina’ na imprensa de PE e RJ



Fonte: Reprodução do Infogram/Nome do Autor

Os dados mostram a ocorrência de expressões locativas com ‘esquina’ durante séculos, mas construções com ‘esquina que volta/vai/sai/vira para/na’ deixam de ser produtivas atualmente, o que não implica que os jornais tenham deixado de dizer/formular a ‘esquina’ nos dias de hoje⁴, ainda mais com a crescente publicação de anúncios dos mais variados tipos. Com uma hipótese de preferência no português brasileiro por SPs combinados com o item ‘esquina’, pesquisei a expressão ‘na esquina da rua’ no software da Hemeroteca e obtive resultados vultosos em comparação com os relacionados às expressões locativas com verbo de movimento: a expressão apareceu 49.255 vezes de 1850 a 1950 em jornais como *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco*. O que inviabiliza contar com esses números é a ocorrência de sentenças em que esquina não se combina com odônimos. Por outro lado, ainda que não estejam encerrados, alguns dados mostram a ocorrência de sentenças que situam ‘esquina’ no modelo p(0)-p(1), isto é, um lugar entre ruas x e y , expresso em SPs.

(12) “uma caza de sobrado na rua de S. Bento em Olinda, no alto da ladeira do varadouro, esquina com o Palacio velho” (DIÁRIO..., 1831, p. 4)

⁴ Como, então, se diz a ‘esquina’ nos dias atuais? Não tenho resposta quantitativa devido ao software utilizado, cujo mecanismo com reconhecimento ótico de caracteres não é confiável para mapear expressões com menos de três letras.

(13) “O franqueado da Star Mart de Copacabana - na esquina da Rua Duvivier com Barata Ribeiro - comenta que o departamento de franquias da Texaco estava trabalhando num processo pioneiro” (JORNAL..., 2000a, p. 2)

(14) “Há muito tempo a Bolsa Oficial de Café não funciona mais na esquina da Rua XV com a Frei Gaspar” (JORNAL..., 2013, p. 12)

Em (12-14), ‘esquina’ deixa de se combinar, já no século XIX até o atual, com verbos de movimento e não produz tão claramente a distinção entre destino e meta, mas é importante ressaltar que o item produz sentenças com informações locativas para determinada região da cidade. Acrescento, sem intenção de ser exaustivo, que o item ‘esquina’ pode sofrer gramaticalização no português brasileiro, quando passa da categoria nominal à gramatical (DONATI, 2017; CINQUE, 2016), funcionando como advérbio monovalente que se satura com a preposição ‘com’ em geral, a exemplo de (15-16).

(15) “Vende se huma casa de seccos e molhados cita na rua dos Arcos esquina da rua do Lavradio” (DIÁRIO..., 1826c, p. 3)

(16) “Este é o caso do Posto Farani (Ipiranga), na Rua Farani esquina com Rua Barão de Itambí” (JORNAL..., 2000b, p. 26)

(16a) Este é o caso do Posto Farani (Ipiranga), na Rua Farani defronte à Rua Barão de Itambí.

O vocábulo ‘esquina’ deixa de funcionar como nome, categoria lexical (CINQUE, 2016), precedido e sucedido por preposição (‘nas casas da esquina da’, ‘na esquina da’, ‘á esquina da’ etc.), para se gramaticalizar com o funcionamento do advérbio sucedido geralmente pela preposição ‘com’ ou ‘de’. Para isso, ainda que ‘esquina’ já sofra processo de gramaticalização em sentenças com o verbo ‘esquinar’, meu argumento é que o vocábulo pertença à classe de palavra advérbio porque, facilmente, poderíamos trocá-lo (teste da substituição) por outro de mesma categoria funcional, como ‘defronte’, produzindo expressões locativas. Nesse sentido, não considero que haja uma preposição não pronunciada (‘na’) entre ‘Rua Farani’ e ‘esquina’. Dessa forma, ao ler (16a), interpreto que o resultado muda o significado da sentença. É de se notar em (15) o funcionamento do item desde o princípio do século XIX, ainda que não haja dados diacrônicos suficientes para verificar a ocorrência de ‘esquina’ na categoria advérbio em expressões locativas. Por outro lado, o ‘volta’ combinado com cidades ou aspectos arquitetônicos, a exemplo de “Daqui me irei na Volta destes povos”, funcionaria também como advérbio, segundo Bluteau (1712).

Em uma análise que vai além da linguística e se abre para a história social e o urbanismo, vale investir na relação com a cidade que as sentenças significam, especialmente nos nomes de rua no Rio de Janeiro e no Recife. Dando-se a fundação daquele pela Coroa portuguesa e a deste, diferentemente de Olinda, por iniciativa dos donatários, as cidades, apesar do quadro econômico e social (e linguístico) heterogêneo, tinham uma forma urbana portuguesa

(TEIXEIRA; VALLA, 1999). Da mesma forma, os odônimos nas sentenças se referem, na sua maioria, aos poderes civil e religioso, marcados pelos portugueses topológica e urbanisticamente na cidade alta e a baixa, segundo os mesmos autores.

Espaços como pátios ao redor de igrejas e conventos se integraram à estrutura da cidade no correr dos séculos (TEIXEIRA; VALLA, 1999). Não por menos, observo em (2) a nomeação da rua de Santo Antônio, ponto no qual se construiu uma igreja homônima; em (8), igualmente, o sintagma com verbo de movimento ‘vai para Santa Luzia’ se refere à Igreja de Santa Luzia; e em (11), o SP ‘na rua de S. Bento’ remete ao Mosteiro de São Bento na cidade de Olinda. O caso de (11) mostra, ainda, que a cidade fundada por portugueses se constitui, se estrutura pelo poderio religioso (‘na rua de S. Bento’) e secular (‘esquina com o Palacio velho’). Nesse sentido, Teixeira; Valla (1999) escrevem que o poder da igreja era assegurado mesmo em competição com o jurídico. Para além de (11), os odônimos se ligam aos edifícios administrativos em (4), em que se localiza o lugar-esquina pelo encontro da ‘rua nova do Senado’ com ‘a estrada de Matta cavallos’; e em (3), em cuja sentença se diz a esquina nos SPs ‘á rua do Conde no largo do Catumby’ e ‘para o Exmo Visconde de alcantara’, pontos nomeados pelo título nobiliárquico, referindo-se ao título do político e empresário João Inácio da Cunha.

Por fim, há um aspecto extralinguístico, que reverbera na língua, sendo corrente nas sentenças que circularam na imprensa do século XIX — ver em (1, 3...5, 8...9, 11...12, 15). Tais construções com ‘esquina’ são combinadas com odônimos sem precisar, no entanto, o número dos prédios na cidade. A falta de uma dêixis topográfica deixa as informações imprecisas e poderia ser explicada pela inexistência de uma regulação da Câmara Municipal e da Assembleia Legislativa à época que determinasse a numeração de todos os edifícios no espaço urbano. A princípio, a hipótese não é consistente frente a ocorrências como ‘esquina que sai para rua do Conde N. 85’, em (10), em circulação em 1826. Para se ter ideia, o Censo de 1872 (IBGE) precisava a população do Rio de Janeiro e do Recife em 274.972 e 116.671, na mesma ordem. No Rio e na capital de Pernambuco (NETO, 2003), a numeração dos prédios foi padronizada durante o século XIX.

No caso fluminense, a numeração predial era dada pela Recebedoria do Município desde a década de 1830, segundo Cavalcanti (1878), ainda que antes mesmo disso já fosse utilizada pelos proprietários, com um sistema de cifras e letras, a exemplo da ‘rua do Senado’, onde as casas eram numeradas por 7, 7 A, 7 B e 7 C antes do Regulamento de 1878. Ao final da década de 1870, justamente, foi aprovada a Nova Numeração dos Prédios da Cidade do Rio de Janeiro para dar conta do aumento populacional e da abertura e reorganização das ruas. A falta de regulação da numeração dos prédios implicava, no limite, a atribuição errônea dos impostos e dificultava o trânsito de pessoas nas ruas. Seria mais “exitoso”, assim, para o cidadão encontrar uma localidade na esquina, perguntar o nome do dono aos transeuntes do que tentar localizar o prédio pelo número. Com efeito, a maior parte das sentenças com ‘esquina’ causa uma ambiguidade por não numerarem os prédios. São (ausências de) marcas em uma língua

que permanece razoavelmente homogênea — com algumas variações, a exemplo de expressões menos comuns na imprensa atual como ‘esquina que volta para’ — ao longo de três séculos, mas que se constrói em uma sociedade heterogênea na qual informações quase evidentes (como a numeração das casas) se tornam opacas com a análise diacrônica.

Conclusões

Analisei, neste ensaio, a ocorrência de expressões locativas que situam um lugar específico na cidade pela língua, a ‘esquina’. Partindo de ‘esquina que volta para’, nomeando a origem do caminho em uma rua *x* e o destino/meta que faz a interseção de *x* com uma rua *y*. Dessa forma, entendi, pela proposta de Silva-Joaquim (1988, p. 137), que a ‘esquina’ é um lugar. Em um primeiro momento, com Jackendoff (1977), notei que as sentenças com ‘esquina que volta para’ estão nucleadas por verbos de movimento, que implicam argumentos de meta, coincidentes com SPs. Em um segundo momento, verifiquei paráfrases possíveis para a locativa ‘esquina que volta para’, o que refutou um possível funcionamento contradirecional (BASSO, 2019; ZWARTS, BASSO, 2016) para a expressão, pois construções com ‘esquina que volta para’ apenas ganham significado contradirecional quando somadas a itens dessa natureza.

A pesquisa diacrônica, por outro lado, mostrou que o uso de ‘esquina que volta/vai/sai/vira para/na’ é menos corrente nas últimas décadas, apesar de os jornais continuarem dizendo a ‘esquina’ atualmente (com outras construções linguísticas). Desde o século XIX, porém, sentenças como (12-13) marcam ‘esquina’ em SPs e não na relação com verbos de movimento. Por fim, afirmo que ‘esquina’ passa da categoria lexical (CINQUE, 2016) à gramatical, funcionamento como advérbio sucedido geralmente pela preposição ‘com’ ou ‘de’. A favor desse argumento, podemos realizar o teste da substituição de ‘esquina’ por proformas como ‘defrente’, que produz, igualmente, expressões locativas.

Abrindo a análise para a história social e o urbanismo, observei a relação das sentenças com a forma mesma da cidade, pelos nomes de rua/odônimos no Rio e no Recife, cidades construídas sob o mesmo plano urbanístico, o português (TEIXEIRA; VALLA, 1999). Na maior parte das sentenças observadas no corpus, os odônimos se referem aos poderes civil e religioso, como em (2), na nomeação da ‘rua de Santo Antônio’, e em (11), nos SPs ‘na rua de S. Bento’ e ‘esquina com o Palacio velho’. Há, por fim, algumas construções com ‘esquina’ que se combinam com nomes de rua sem precisar a numeração dos prédios, apesar de as capitais fluminense e pernambucana, as quais abrigavam juntas cerca de 400 mil cidadãos, padronizarem essa numeração nos oitocentos.

Referências

AITCHISON, J. Diachrony vs Synchrony: the Complementary Evolution of Two (Ir)reconcilable Dimensions. *In*: HERNÁNDEZ-COMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (orgs.). **The**

Handbook of Historical Sociolinguistics. Malden, Oxford, Chichester, Willey-Blackwell. 2012.

BASSO, R. M. SOBRE A SEMÂNTICA DE ‘DE VOLTA’: UM EXERCÍCIO EM CONTRADI-REACIONALIDADE. **Alfa, revista linguística.** (São José Rio Preto), São Paulo , v. 63, n. 2, p. 397-419, set. 2019. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942019000200397&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 out. 2019.

DONATI, C. (manuscrito). **Sintaxe: Regras e Estruturas.** Tradução de Aquiles Tescari Neto. Campinas, 2017.

GEHRKE, B. **Ps in Motion: On the Semantics and Syntax of P Elements and Motion Events.** Dissertação de Mestrado, Universidade de Utrecht, Utrecht. 2008.

GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A. (orgs.). **E os preços eram commodos...: Anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.

HERNÁNDEZ-COMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (orgs.). **The Handbook of Historical Sociolinguistics.** Malden, Oxford, Chichester, Willey-Blackwell. 2012.

IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010 Brasil.** Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00. Acesso em: 15 jun 2019.

JACKENDOFF, R. **X Syntax: A Study of Phrase Structure.** Cambridge/Mass: TheMIT Press, 1977.

MOLINA, M. M. **História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840).** 1a ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

OLIVEIRA, R. P. de et. al. **Semântica: 6o período.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012, 182 pp.

PAGOTTO, E. G. Camadas de Memória na Cidade Sociolinguística. In: ORLANDI, E. P (org.). **Linguagem, sociedade, políticas.** Pouso Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, 2014. 230p.

PERCY, C. Early Advertising and Newspapers as Sources of Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-COMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (orgs.). **The Handbook of Historical Sociolinguistics.** Malden, Oxford, Chichester, Willey-Blackwell. 2012.

NETO, F. de S. C. A. **O panoptismo e casa de detenção do Recife.** ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. João Pessoa, 2003.

SILVA-JOQUIM, C. Lugares. In: Duas línguas em contraste português e alemão: actas. **Anexo da Revista da Faculdade de Letras: Línguas e literaturas,** 1989, p. 137-145.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2006.

TEIXEIRA, M. C.; VALLA, M. **O urbanismo português**. Séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

ZWARTS, J.; BASSO, R. M. Counterdirectionality Crosslinguistically: comparing Brazilian Portuguese and Dutch. *Revista da ABRALIN*, v. 1, p. 19-44, 2016.

Dicionários

ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. **Dicionário ilustrado de arquitetura** - volume 1 - A a I. 1ª reimpressão, São Paulo: ProEditores, 1998.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

SILVA, A. M. **Diccionario da lingua portugueza** - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

Jornais

DIÁRIO de Pernambuco. Recife, ed. 00001, 1825, p. 1.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, ed. 00118, 1829, p. 3.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, ed. 00254, 1831, p. 4.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, ed. 00165, 1882, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 0600001, 1821, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 0600017, 1822, p. 2.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 0400017, 1824, p. 2.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 1000013, 1826a, p. 2.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 1200012, 1826b, p. 3.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 0800002, 1826c, p. 3.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 0400012, 1830a, p. 2.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 0300015, 1830b, p. 2.

GAZETA do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 00015, 1821, p. 4.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 00086, 1880a, p. 4.

Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2 , p. 291-305, 2019.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 00015, 1880b, p. 4.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 00033, 1880c, p. 4.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 00081, 2000a, p. 2.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 0093, 2000b, p. 26.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 00112, 2013, p. 12.

O LISIPO Boletim do grupo ‘amigos de lisboa’, ano IV, n. 16, outubro de 1941.

SILVEIRA, V. da. **Preludios Literarios**, n. 15, tomo II, dezembro de 1860.

Relatório

CAVALCANTI, J. C. **Nova Numeração dos Prédios da Cidade do Rio de Janeiro**, tomo 2.
Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1878.